

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VIII

AGOSTO DE 1865

Nº 8

O que Ensina o Espiritismo

Há criaturas que perguntam quais são as conquistas novas que devemos ao Espiritismo. Em razão de não haver dotado o mundo com uma nova indústria produtiva, como o vapor, concluem que nada produziu. A maior parte dos que fazem tal pergunta, por não se terem dado ao trabalho de o estudar, só conhecem o Espiritismo de fantasia, criado para as necessidades da crítica, e que nada tem de comum com o Espiritismo sério. Não é, pois, de admirar que perguntem qual pode ser o seu lado útil e prático. Tê-lo-iam descoberto se o tivessem ido buscar em sua fonte, e não nas caricaturas que dele fizeram os que têm interesse em denegri-lo.

Numa outra ordem de idéias, ao contrário, alguns impacientes acham a marcha do Espiritismo muito lenta para o seu gosto. Admiram-se de que ainda não tenha sondado todos os mistérios da Natureza, nem abordado todas as questões que parecem ser de sua alçada; gostariam de vê-lo diariamente ensinar coisas novas, ou enriquecer-se com alguma descoberta recente. E, porque ainda não resolveu a questão da origem dos seres, do princípio e do fim de todas as coisas, da essência divina e de

algumas outras da mesma importância, concluem que não saiu do á-bê-cê, que não entrou na verdadeira via filosófica e que se arrasta em lugares-comuns, já que prega incessantemente a humildade e a caridade. “Até hoje, dizem, o Espiritismo nada nos ensinou de novo, porque a reencarnação, a negação das penas eternas, a imortalidade da alma, a gradação através de períodos da vitalidade intelectual, o perispírito não são descobertas espíritas propriamente ditas; então é preciso marchar para descobertas mais verdadeiras e mais sólidas.”

A propósito, julgamos por bem apresentar algumas observações, que também não serão novidades, pois há coisas que é útil repetir sob diversas formas.

É verdade que o Espiritismo nada inventou de tudo isto, porque somente as verdades verdadeiras são eternas e, por isto mesmo, devem ter germinado em todas as épocas. Mas não é alguma coisa havê-las tirado, se não do nada, ao menos do esquecimento? de um germe ter feito uma planta vivaz? de uma idéia individual, perdida na noite dos tempos, ou abafada sob os preconceitos, ter feito uma crença geral? ter provado o que estava no campo das hipóteses? ter demonstrado a existência de uma lei naquilo que parecia excepcional e fortuito? de uma teoria vaga ter feito uma coisa prática? de uma idéia improdutiva ter tirado aplicações úteis? Nada é mais verdadeiro que o provérbio: “Nada existe de novo debaixo do sol.” E até esta verdade não é nova. Assim, não há uma só descoberta cujos vestígios e o princípio não se encontrem nalguma parte. À vista disso, Copérnico não teria o mérito de seu sistema, porque o movimento da Terra tinha sido suspeitado antes da era cristã. Se a coisa era tão simples, dever-se-ia encontrá-la. A história do ovo de Cristóvão Colombo será sempre uma eterna verdade.

Além disso, é incontestável que o Espiritismo ainda tem muito a nos ensinar. É o que não temos cessado de repetir, pois jamais pretendemos que ele tenha dito a última palavra. Mas do que

ainda resta fazer, segue-se que não tenha ainda saído do á-bê-cê? As mesas girantes foram o seu alfabeto; e, depois, ao que nos parece, tem dado alguns passos; parece mesmo que deu passos bem grandes em alguns anos, se o compararmos às outras ciências, que levaram séculos para chegar ao ponto em que estão. Nenhuma chegou ao apogeu de um salto só; elas avançam, não pela vontade dos homens, mas à medida que as circunstâncias apontam novas descobertas. Ora, ninguém tem o poder de comandar essas circunstâncias, e a prova disto é que, todas as vezes que uma idéia é prematura, aborta, para reaparecer mais tarde, em tempo oportuno.

Mas em falta de novas descobertas, os homens de ciência nada terão a fazer? A Química não será mais a Química se diariamente não descobrir novos corpos? Os astrônomos serão condenados a cruzar os braços por não encontrarem novos planetas? E assim em todos os outros ramos das ciências e da indústria. Antes de procurar coisas novas, não se deve fazer a aplicação daquilo que se sabe? É precisamente para dar aos homens tempo de assimilar, de aplicar e de vulgarizar o que sabem, que a Providência põe um freio na marcha para frente. Aí está a História para nos mostrar que as ciências não seguem uma marcha ascendente contínua, ao menos ostensivamente. Os grandes movimentos que revolucionam uma idéia não se operam senão em intervalos mais ou menos distanciados. Assim, não há estagnação, mas elaboração, aplicação e frutificação daquilo que se sabe, o que é sempre progresso. Poderia o Espírito humano absorver incessantemente novas idéias? A própria terra não precisa de um tempo de repouso antes de reproduzir? Que diriam de um professor que diariamente ensinasse novas regras aos seus alunos, sem lhes dar tempo para se exercitarem nas que aprenderam, de com elas se identificarem e de as aplicarem? Então Deus seria menos providente e menos hábil que um professor? Em todas as coisas as idéias novas devem apoiar-se nas idéias adquiridas; se estas não forem suficientemente elaboradas e consolidadas no cérebro,

se o espírito não as assimilou, as que aí se querem implantar não criam raízes: semeia-se no vazio.

Acontece a mesma coisa com o Espiritismo. Os adeptos aproveitaram de tal modo o que ele até hoje ensinou, que nada mais tenham a fazer? São mais caridosos, desprovidos de orgulho, desinteressados e benevolentes para com os seus semelhantes? Terão moderado as paixões, abjurado o ódio, a inveja e o ciúme? Enfim, são tão perfeitos que de agora em diante seja supérfluo pregar-lhes a caridade, a humildade, a abnegação, numa palavra, a moral? Essa pretensão, por si só, provaria quanto ainda necessitam dessas lições elementares, que alguns consideram fastidiosas e pueris. Entretanto, somente com o auxílio dessas instruções, se as aproveitarem, é que poderão elevar-se bastante para se tornarem dignos de receber um ensinamento superior.

O Espiritismo contribui para a regeneração da Humanidade: isto é um fato constatado. Ora, não podendo essa regeneração operar-se senão pelo progresso moral, resulta que seu objetivo essencial, providencial, é o melhoramento de cada um; os mistérios que pode nos revelar são a parte acessória, porquanto, ao nos abrir o santuário de todos os conhecimentos só estaremos mais adiantados para o nosso estado futuro se formos melhores. Para nos admitir no banquete da suprema felicidade, Deus não pergunta o que sabemos, nem o que possuímos, mas o que valemos e o bem que fizemos. Portanto, é acima de tudo pelo seu melhoramento individual que todo espírita sincero deve trabalhar. Só aquele que dominou suas más tendências aproveitou realmente o Espiritismo e receberá a sua recompensa. É por isto que os Espíritos bons, por ordem de Deus, multiplicam suas instruções e as repetem até à saciedade; só um orgulho insensato pode dizer: não preciso de mais. Só Deus sabe quando serão inúteis, e só a ele cabe dirigir o ensino de suas mensagens e de o proporcionar ao nosso adiantamento.

Contudo, vejamos se, fora do ensinamento puramente moral, os resultados do Espiritismo são tão estéreis quanto pretendem alguns.

1º – Antes de mais ele dá, como todos sabem, a prova patente da existência e da imortalidade da alma. Não é uma descoberta, é verdade, mas é por falta de provas sobre este ponto que há tantos incrédulos ou indiferentes quanto ao futuro; é provando o que não passava de teoria que ele triunfa sobre o materialismo e previne suas funestas conseqüências para a sociedade. Tendo mudado em certeza a dúvida quanto ao futuro, o Espiritismo opera toda uma revolução nas idéias, cujos resultados são incalculáveis. Se aí se limitasse exclusivamente o resultado das manifestações, quão imensos seriam esses resultados!

2º – Pela firme crença que desenvolve, exerce poderosa ação sobre o moral do homem; impele-o ao bem, consola-o nas aflições, dá-lhe força e coragem nas provações da vida e lhe desvia do pensamento o suicídio.

3º – Retifica todas as idéias falsas que se tivessem sobre o futuro da alma, sobre o céu, o inferno, as penas e recompensas; destrói radicalmente, pela irresistível lógica dos fatos, os dogmas das penas eternas e dos demônios; numa palavra, descobre-nos a vida futura e no-la mostra racional e conforme à justiça de Deus. É ainda uma coisa que tem muito valor.

4º – Dá a conhecer o que se passa no momento da morte; este fenômeno, até hoje insondável, não mais tem mistérios; as menores particularidades dessa passagem tão temível são hoje conhecidas. Ora, como todos morrem, este conhecimento interessa a todo o mundo.

5º – Pela lei da pluralidade das existências, abre um novo campo à filosofia; o homem sabe de onde vem, para onde vai e com que objetivo está na Terra. Explica a causa de todas as

misérias humanas, de todas as desigualdades sociais; dá as próprias leis da Natureza como base dos princípios de solidariedade universal, de fraternidade, de igualdade e de liberdade, que só se assentavam na teoria. Enfim, projeta luz sobre as mais árduas questões da metafísica, da psicologia e da moral.

6º – Pela teoria dos fluidos perispirituais, torna conhecido o mecanismo das sensações e das percepções da alma; explica os fenômenos da dupla vista, da vista a distância, do sonambulismo, do êxtase, dos sonhos, das visões, das aparições, etc.; abre novo campo à Fisiologia e à Patologia.

7º – Provando as relações existentes entre o mundo corporal e o mundo espiritual, mostra neste último uma das forças ativas da Natureza, um poder inteligente e dá a razão de uma porção de efeitos atribuídos a causas sobrenaturais, e que alimentaram a maior parte das idéias supersticiosas.

8º – Revelando o fato das obsessões, faz conhecer a causa, até aqui desconhecida, das numerosas afecções, sobre as quais a Ciência se havia enganado em prejuízo dos doentes, e dá os meios de os curar.

9º – Dando-nos a conhecer as verdadeiras condições da prece e seu modo de ação; revelando-nos a influência recíproca dos Espíritos encarnados e desencarnados, ensina-nos o poder do homem sobre os Espíritos imperfeitos para os moralizar e os arrancar aos sofrimentos inerentes à sua inferioridade.

10º – Tornando conhecida a magnetização espiritual, que era desconhecida, abre novo caminho ao magnetismo e lhe traz um novo e poderoso elemento de cura.

O mérito de uma invenção não está na descoberta de um princípio, quase sempre conhecido anteriormente, mas na aplicação desse princípio. Sem dúvida a reencarnação não é uma

idéia nova, como o perispírito descrito por São Paulo sob o nome de corpo espiritual também não o é, e nem mesmo a comunicação com os Espíritos. O Espiritismo, que não se gaba de ter descoberto a Natureza, procura cuidadosamente todos os traços que pode encontrar da anterioridade de suas idéias e, quando os encontra, apressa-se em o proclamar, como prova em apoio ao que avança. Aqueles, pois, que invocam essa anterioridade visando depreciar o que ele faz, vão contra o seu objetivo e agem desastradamente, porque isto levaria à suspeição de uma idéia preconcebida.

A descoberta da reencarnação e do perispírito não pertence, pois, ao Espiritismo; é coisa resolvida. Mas, até ele, que proveito a Ciência, a moral, a religião haviam tirado desses dois princípios, ignorados pelas massas e ficados em estado de letra morta? Ele não só os expôs à luz, os provou e faz reconhecer como leis da Natureza, mas os desenvolveu e faz frutificar; deles já fez saírem numerosos e fecundos resultados, sem os quais não se poderia compreender uma infinidade de coisas; diariamente ele nos faz compreender outras novas e estamos longe de haver esgotado esta mina. Considerando-se que esses dois princípios eram conhecidos, por que ficaram improdutivos por tanto tempo? Por que, durante tantos séculos, todas as filosofias se chocaram contra tantos problemas insolúveis? É que eram diamantes brutos, que deviam ser lapidados. É o que faz o Espiritismo. Ele abriu uma nova via à filosofia ou, melhor dizendo, criou uma nova filosofia, que diariamente ocupa seu lugar no mundo. Então estes resultados são de tal modo nulos que devemos apressar a marcha para descobertas mais verdadeiras e mais sólidas?

Em resumo, de um certo número de verdades fundamentais, esboçadas por alguns cérebros de escol e conservadas, em sua maioria, como que em estado latente, uma vez que foram estudadas, elaboradas e provadas, de estéreis que eram tornaram-se uma mina fecunda, de onde saíram uma multidão de princípios secundários e aplicações, e abriram um vasto campo à

exploração, novos horizontes à Ciência, à filosofia, à moral, à religião e à economia social.

Tais são, até hoje, as principais conquistas devidas ao Espiritismo, e não temos feito mais do que indicar os pontos culminantes. Supondo que devessem limitar-se a isto, já nos poderíamos dar por satisfeitos, e dizer que uma ciência nova, que dá tais resultados em menos de dez anos, não pode ser acusada de nulidade, porque toca em todas as questões vitais da Humanidade e traz aos conhecimentos humanos um contingente que não é para desdenhar. Até que esses únicos pontos tenham recebido todas as aplicações de que são susceptíveis, e que os homens os tenham aproveitado, ainda se passará muito tempo, e os espíritas que os quiserem pôr em prática para si próprios e para o bem de todos, não ficarão desocupados.

Esses pontos são outros tantos focos de onde irradiarão inumeráveis verdades secundárias, que se trata de desenvolver e aplicar, o que se faz todos os dias, porque diariamente se revelam fatos que levantam uma nova ponta do véu. O Espiritismo deu sucessivamente e em alguns anos todas as bases fundamentais do novo edifício. Cabe agora aos seus adeptos pôr em obra esses materiais, antes de pedir outros novos. Deus saberá bem lhos fornecer, quando tiverem acabado sua tarefa.

Dizem que os espíritas só sabem o á-bê-cê do Espiritismo. Seja. Que aprendamos, então, a silabar esse alfabeto, o que não será o caso de um dia, porque, mesmo reduzido a estas proporções, passará muito tempo antes de haver esgotado todas as cominações e colhido todos os frutos. Não restam mais fatos a explicar? Aliás, os espíritas não devem ensinar esse alfabeto aos que o ignoram? Já lançaram a semente em toda parte onde poderiam fazê-lo? Não resta mais incrédulos a convencer, obsedados a curar, consolações a dar, lágrimas a enxugar? Há fundamento em dizer que nada mais se deve fazer quando não se terminou a tarefa,

quando ainda restam tantas chagas a fechar? São nobres ocupações que valem bem a vã satisfação de as saber um tanto mais e um pouco mais cedo que os outros.

Saibamos, pois, soletrar o nosso alfabeto antes de querer ler fluentemente no grande livro da Natureza. Deus saberá bem no-lo abrir, à medida que avançarmos, mas não depende de nenhum mortal forçar sua vontade, antecipando o tempo para cada coisa. Se a árvore da Ciência é muito alta para que possamos atingi-la, esperemos, para sobrevoá-la, que as nossas asas estejam crescidas e solidamente pregadas, para não virmos a ter a sorte de Ícaro.

Abade Dégenettes, Médium

ANTIGO CURA DE NOTRE-DAME DES VICTOIRES, EM PARIS

O fato seguinte foi tirado textualmente da obra intitulada: *Mês de Maria*, pelo abade Défossés:

Eis como se produziu no mundo, *de maneira sobrenatural e celeste, a obra divina da arquiconfraria do santíssimo e imaculado Coração de Maria*. Deixemos ainda a palavra ao Sr. Dégenettes. Quem melhor do que ele poderia contar-nos o que se passou?

“A arquiconfraria nasceu em 3 de dezembro de 1836. Muitas pessoas que só julgam pelas aparências, *nos chamam o seu fundador. Não podemos deixar passar este preconceito sem o combater e o destruir; não somos o seu fundador*. Só a Deus a honra e a glória. Não tínhamos nenhuma das disposições de espírito nem de coração que nos pudessem preparar para isto. Devemos confessar, pedindo perdão a Deus e a Maria que, embora filho de Maria, habituado desde tenra idade a amá-la, a venerá-la como a mais terna das mães, nada compreendíamos da devoção de seu santo coração, que até

evitávamos de nele pensar. Acrescentamos ainda que um santo religioso, o padre Maccarty, tendo pregado um dia em nossa igreja das missões estrangeiras sobre o santo coração de Maria, não recolhemos de seu sermão nenhum sentimento que desse o nosso sufrágio ordinário à eloquência do pregador, mas só desgosto, tão grande era o orgulho de nossa prevenção, por ter ele tratado de um assunto que pensávamos não ser mais útil aos outros do que a nós. Tal foi nossa disposição constante até o dia 3 de dezembro de 1836, festa de São Francisco Xavier.

“Naquele dia, às nove horas da manhã, eu começava a santa missa ao pé do altar da santa Virgem, que depois consagramos ao seu santíssimo e imaculado Coração, e que é hoje o altar da arquiconfraria. Eu estava no primeiro versículo do salmo *Judica me*, quando um pensamento veio apoderar-se de meu espírito: era o pensamento da inutilidade de meu ministério nessa paróquia; ele não me era estranho e eu tinha muitas ocasiões de o conceber e de o recordar; mas naquela circunstância ele me feriu mais vivamente que de ordinário. Como não era o lugar nem o tempo para dele me ocupar, fiz todos os esforços possíveis para o afastar de meu espírito. Não tive sucesso e parecia-me sempre ouvir uma voz, que vinha de meu íntimo e me dizia: *Nada fazes, teu ministério é nulo. Vê, estás aqui há quatro anos; que ganhaste? Tudo está perdido, este povo não tem mais fé. Por prudência deverias retirar-te!*...

“A despeito de todos os meus esforços para repelir este pensamento infeliz, ele se obstinou de tal modo que absorveu todas as faculdades de meu espírito, a ponto de eu ler e recitar preces sem mais compreender o que dizia. A violência que eu me tinha feito me havia fatigado e eu experimentava uma transpiração das mais abundantes. Fiquei nesse estado até o começo do cânone da missa. Depois de haver recitado o *Sanctus*, parei um instante, procurando restabelecer minhas idéias; aterrorizado com o estado de meu espírito, disse-me: ‘Meu Deus, em que estado estou? Como vou oferecer o divino sacrifício? Não tenho bastante liberdade de

espírito para consagrar. Ó meu Deus, livrai-me desta distração.’ Tão logo proferi estas palavras, ouvi distintamente estas outras, pronunciadas de maneira solene: *Consagra tua paróquia ao santíssimo e imaculado Coração de Maria*. Mal ouvidas estas palavras, que não me feriam os ouvidos, mas apenas ressoavam dentro de mim, recobrei imediatamente a calma e a liberdade de espírito. A fatal impressão que me tinha agitado tão violentamente logo se apagou e dela não me restou nenhum traço. Dei seguimento aos santos mistérios sem nenhuma lembrança de minha precedente distração.

“Após minha ação de graças, examinei a maneira pela qual tinha oferecido o santo sacrifício. Só então me lembrei de que tivera uma distração, embora não passasse de uma lembrança confusa e, por alguns instantes, vi-me obrigado a pesquisar qual teria sido o seu objeto. Tranqüilizei-me, dizendo: ‘Não pequei; eu não estava livre.’ Perguntei-me como essa distração havia cessado e a lembrança das palavras que ouvira se me apresentou ao espírito. Esse pensamento me feriu com uma espécie de terror. Procurei negar a possibilidade do fato, mas minha memória confundia os raciocínios que eu me objetava. Batalhei comigo mesmo durante dez minutos. Dizia de mim para mim: *Se parasse nisto, expor-me-ia a uma grande desgraça; ela afetaria meu moral e eu poderia tornar-me visionário*.

“Fatigado por esse novo combate, tomei meu partido e disse: *Não posso deter-me nesse pensamento; ele teria conseqüências deploráveis; aliás, é uma ilusão; tive uma longa distração durante a missa, eis tudo. O essencial para mim é não ter pecado. Não quero mais pensar nisto*. Apoiei as mãos no genuflexório sobre o qual estava ajoelhado. No mesmo instante, e ainda não me tinha levantado (estava só na sacristia), ouvi pronunciar bem distintamente: *Consagra tua paróquia ao santíssimo e imaculado Coração de Maria*. Torno a cair de joelhos e minha primeira impressão foi um momento de estupefação. Eram as mesmas palavras, o mesmo som, a mesma maneira de as ouvir. Durante alguns instantes tentei não acreditar; *ao menos queria*

duvidar e não o podia mais. Eu tinha ouvido, *não podia ocultá-lo a mim mesmo.* Um sentimento de tristeza tomou conta de mim; as inquietudes que acabavam de atormentar o meu espírito apresentaram-se de novo. Em vão tentei expulsar todas essas idéias; eu me dizia: *É ainda uma ilusão, fruto do abalo dado em teu cérebro pela primeira impressão que ressentiste; não ouviste, não pudeste ouvir,* mas o sentido íntimo me dizia: *Não podes duvidar; ouviste duas vezes.*

“Tomei a decisão de não me ocupar com o que acabava de acontecer, de tentar esquecer. Mas estas palavras: *Consagra tua paróquia ao santíssimo e imaculado Coração de Maria,* se me apresentavam incessantemente ao espírito. Para me livrar da impressão que me fatigava, cedi exausto e me disse: *É sempre um ato de devoção à santa Virgem, que pode ter um bom efeito; tentemos.* Meu consentimento não era livre; era exigido pela fadiga do meu espírito. Entrei em meu apartamento. Para me livrar desse pensamento, pus-me a compor o estatuto de nossa associação. Tão logo pus mãos à obra o assunto se esclareceu aos meus olhos e os estatutos não tardaram a ser redigidos. Eis a verdade, e não a dissemos nas primeiras edições de nosso manual; até a ocultamos ao venerável diretor de nossa consciência. Até aquele dia a mantínhamos em segredo, mesmo para os amigos mais íntimos; *não ousávamos desvendá-lo; e hoje que a divina misericórdia assinalou tão autenticamente sua obra pelo estabelecimento, pela prodigiosa propagação da arquiconfraria e, sobretudo, pelos frutos admiráveis que ela produz, minha consciência me obriga a revelar este fato.* É glorioso – dizia o arcanjo Rafael a Tobias – é glorioso revelar as obras de Deus, a fim de que todos reconheçam que só a ele pertencem louvor, honra e glória.”

O fato de mediunidade auditiva é aqui extremamente evidente. A quem negasse que seja um efeito mediúnico e o considerasse como miraculoso, responderíamos que o caráter do milagre é de ser excepcional e acima das leis da Natureza, e que jamais se pensou em dar essa qualidade aos fenômenos que se

produzem diariamente; a reprodução é indício certo de que existem em virtude de uma lei e que, por conseguinte, não saem da ordem natural. Ora, os fatos análogos ao do abade Dégenettes estão no número dos mais vulgares, entre os da mediunidade; as comunicações por via auditiva são excessivamente numerosas.

Se, pois, conforme a opinião de alguns, o demônio é o único agente dos efeitos mediúnicos, seria de concluir, para ser conseqüente, que a fundação da dita arquiconfraria é uma obra do demônio, porquanto, em boa lógica, a analogia absoluta dos efeitos implica a da causa.

Um ponto muito embaraçoso para os partidários do demônio é a reprodução incessante de todos os fenômenos mediúnicos no seio do próprio clero e das comunidades religiosas, e a perfeita similitude de uma porção de efeitos considerados santos, com os que são reputados diabólicos. Assim, forçoso é convir que os Espíritos maus não são os únicos com o poder de manifestar-se, pois, do contrário, a maioria dos santos não passariam de possessos, considerando-se que muitos só deveram sua beatificação a fatos do gênero dos que hoje se produzem entre os médiuns. Eles se safam da dificuldade dizendo que os Espíritos bons só se comunicam à Igreja, ou que só à Igreja cabe distinguir o que vem de Deus ou do diabo. Seja; é uma razão como qualquer outra, que fica para a apreciação de cada um, mas que exclui a doutrina da comunicação exclusiva dos demônios.

Nosso colega Sr. Delanne, que houve por bem nos transmitir o fato acima, juntou a comunicação seguinte, do abade Dégenettes, obtida pela Sra. Delanne:

“Meus caros filhos, respondo com alegria ao vosso apelo; darei de bom grado os detalhes que desejais conhecer, porque hoje estou ligado à grande falange dos Espíritos que têm por missão conduzir os homens no caminho da verdade.

“Quando eu estava na Terra, trabalhava de corpo e alma para reconduzir os homens a Deus, mas tinha apenas uma idéia muito fraca da importância desta grande lei, pela qual todos os homens chegarão ao progresso. A matéria impõe graves entraves, e nossos instintos muitas vezes paralisam os esforços de nossa inteligência. Quando, pois, de minha *audição*, eu não sabia bem em que pensar; mas vendo que a voz continuava a fazer-se ouvir, concluí por um milagre. Apesar disso, considerava-me como um verdadeiro instrumento, e tudo quanto obtive por esta intercessão me confirmava essa idéia. Pois bem! de fato eu tinha sido um instrumento; mas não havia milagre; eu era um dos homens designados para trazer uma das primeiras pedras à doutrina, fornecendo a prova das comunicações espirituais.

“Estão próximos os tempos em que vos serão dados grandes desenvolvimentos concernentes às coisas chamadas *mistérios*, e que deviam sê-lo até o presente, porque os homens ainda não estavam aptos a compreendê-las. Oh! mil vezes feliz os que hoje compreendem esta bela e invejável missão de propagar a doutrina da revelação e mostrar um Deus bom e misericordioso!

“Sim, meus caros filhos, quando eu estava exilado na Terra possuía o precioso dom da mediunidade; mas, eu vo-lo repito, não sabia me dar conta disto. A partir do momento em que aquela voz falou ao meu coração, reconheci mais especialmente e mais visivelmente a proteção de Maria em todas as minhas ações, mesmo as mais simples, e se ocultei aos meus superiores o que antes se havia passado comigo, ainda foi *pelos conselhos dessa mesma voz*, que me fazia compreender que não havia chegado a hora de fazer aquela revelação. Eu tinha o pressentimento e como uma vaga intuição da renovação que se opera; compreendia que a revelação *não devia vir da Igreja*, mas que um dia a Igreja seria forçada a apoiá-la por todos os fatos a que dá o nome de milagre e que atribui a causas sobrenaturais.

“Continuarei de outra vez, meus filhos. Que a paz do Senhor esteja em vossas almas e vos proporcione um sono tranqüilo.

P. – Devemos enviar ao Sr. Allan Kardec esta comunicação e os fatos que a provocaram?

Resp. – Eu não vos disse que era um dos propagadores da doutrina? Meu nome não tem grande valor, mas não vejo por que não vos autorizaria a fazê-lo. Aliás, não é a primeira vez que me comunico; podeis, pois, transmitir ao mestre minhas simples instruções, ou, antes, meus simples relatos.

Dégenettes’

Observação – Com efeito, o abade Dégenettes comunicou-se várias vezes, espontaneamente, e ditou palavras dignas da elevação de seu Espírito.

Tanto quanto nos lembramos, foi ele que, num sermão pregado na igreja de Notre-Dame des Victoires, contou o seguinte fato: Uma pobre operária sem trabalho veio orar na igreja. Ao sair encontrou um senhor que a abordou e lhe disse: “Buscai trabalho; ide a tal endereço, procurai a sra. fulana; ela vos conseguirá um.” A pobre mulher agradeceu e se dirigiu ao local indicado, onde realmente encontrou a pessoa em questão, à qual narrou o que acabava de acontecer. A senhora lhe disse: “Não sei quem vos poderia ter dado o meu endereço, porque não pedi empregada. Entretanto, como tenho algo para mandar fazer, vou encarregá-la disto.” A pobre mulher, avistando um retrato no salão, respondeu: “Olhai, senhora, este é o senhor que me mandou à vossa casa”, e apontou o retrato. “Impossível – disse a senhora – esse retrato é de meu filho, morto há três anos.” Respondeu a operária: “Não sei como isto se deu, mas o reconheço perfeitamente.”

O Sr. abade Dégenettes acreditava, pois, na aparição das almas após a morte, com a aparência que tinham em vida. Os

fatos deste gênero não são insólitos e deles temos numerosos exemplos. Não é presumível que o abade Dégenettes tivesse relatado este do púlpito sem provas autênticas. Sua crença neste ponto, junta à que lhe chegou pessoalmente, vem em apoio do que ele disse de sua missão atual, de propagar a Doutrina dos Espíritos.

Um fato como o último referido deveria necessariamente passar por maravilhoso. Só o Espiritismo, pelo conhecimento das propriedades do perispírito, poderia dar-lhe uma explicação racional. Prova, por isto mesmo, a possibilidade da aparição do Cristo aos apóstolos, após a sua morte.

Manifestações de Fives, perto de Lille (Norte)

Lê-se no *Indépendant de Douai*, de 6 e 8 de julho de 1865, o relato seguinte, dos fatos que acabam de se passar em Fives;

I

“Há cerca de quinze dias, na Rua do Prieuré, em Fives, passam-se fatos ainda inexplicáveis e causam uma profunda sensação em todo o bairro. A certos intervalos, no pátio de duas casas dessa rua, cai uma saraivada de projéteis que quebram vidraças, por vezes atingem os moradores, sem que se possa descobrir nem o lugar de onde partem, nem a pessoa que os atira. As coisas chegaram a tal ponto que um dos dois locatários teve de proteger suas janelas com grade, temeroso de ser abatido.

“No início os interessados espreitavam, mas depois recorreram à polícia que, durante vários dias, exerceu a mais ativa vigilância. Isto não impediu que pedaços de tijolos, carvão de pedra, etc., caíssem abundantemente nos dois pátios. Até um agente recebeu um projétil nos rins, no momento em que

procurava explicar a um de seus camaradas a parábola que as pedras descreviam antes de cair.

“O vidraceiro, substituindo os vidros quebrados na véspera por pedaços de tijolo, foi igualmente atingido nas costas. Logo se precipitou, jurando conhecer o autor desses atos repreensíveis, mas não foi mais feliz que os outros.

“Desde alguns dias constata-se notável diminuição no volume dos projéteis, mas são mais numerosos, de sorte que a emoção continua. Entretanto, esperam em breve descobrir o que há de misterioso nesse caso singular.

II

“Os fenômenos bizarros que se produzem na Rua do Prieuré, em Fives, desde quinta-feira, 14 de junho, e dos quais já tínhamos falado, desde sábado entraram numa nova fase, diz o jornal de onde extraímos o primeiro relato.

“Não se trata mais de projéteis atirados de fora com um barulho extraordinário contra portas e janelas e, muito menos violentamente, contra as pessoas.

“Eis o que se passa agora numa das duas casas de que se falou, pois a outra está em perfeito sossego.

“No sábado caíram no pátio oito vinténs e cinco moedas de dois centavos belgas. A dona da casa, vendo ao mesmo tempo vários móveis se mexerem e cadeiras sendo derrubadas, vai chamar pessoas da vizinhança. Levantam as cadeiras; por várias vezes elas caem de novo. Ao mesmo tempo vêem-se no jardim os tamancos, deixados na entrada pela servente, pular em cadência, como se estivessem nos pés de uma pessoa que dançasse.

“Ao anoitecer, um calendário posto em cima de uma lareira saltou e rodopiou no ar; sapatos colocados no chão também saltaram e caíram de borco.

“Vindo a noite, o dono da casa, Sr. M..., resolveu vigiar.

“Apenas só, ouviu um barulho: era um candelabro que caía sobre a lareira; enquanto se levantava, uma concha rolou por terra; abaixou-se para a apanhar; outro candelabro lhe caiu nas costas. Essas artimanhas duraram uma parte da noite.

“Durante esse tempo a empregada, que dorme nos altos, gritou por socorro. Encontraram-na tão apavorada que não puderam duvidar de sua sinceridade quando afirmou que lhe haviam batido. Fizeram-na descer e deitar-se num gabinete vizinho; logo ouviram seus lamentos e até os golpes que recebia.

“Esta moça ficou doente e teve de voltar para a casa dos pais.

“Na manhã de domingo e no dia seguinte ainda caíram vinténs e centavos belgas no pátio.

“À tarde a Sra. X... saiu com uma de suas amigas, depois de ter vistoriado toda a casa e sem nada encontrar fora de ordem.

“A porta foi fechada cuidadosamente. Ninguém podia entrar. Ao voltar, a Sra. X... encontrou desenhado sobre a cama um grande 8, com meias e xales que estavam guardados num armário.

“À noite, com o marido, o sobrinho e um pensionista, que com ela constituem toda a gente da casa, fez inspeção em todos os aposentos. Na manhã do dia seguinte, ao subir ao quarto outrora ocupado pela empregada, encontrou sobre o leito um desenho esquisito, formado com bonés e, na parte inferior da escada, doze

degraus cobertos com paletós de seu marido, do sobrinho e do pensionista, estendidos e cobertos por um chapéu.

“Terça-feira pela manhã ainda caiu no pátio um centavo belga. Tinham intenção de o dar aos pobres, assim como as moedas caídas dois dias antes. Mas eis que o estojo onde estavam guardados saltou de um aposento a outro e o dinheiro desapareceu, assim como a chave da secretária.

“Varrendo a sala de jantar, subitamente viram duas facas se fincarem no soalho e outra no teto.

“De repente uma chave caiu no pátio. Era a da porta da rua; depois veio a da secretária; em seguida vieram os xales, os lenços, enrolados e em nós, que tinham desaparecido há algum tempo.

“À tarde foi visto na cama do Sr. M... uma roda feita com roupas e no celeiro um desenho do mesmo gênero, formado por um velho capote enrolado e uma canastra.

“Todos estes fatos, bem como os de que falamos sábado, são atestados por pessoas da casa, cujo caráter está longe de ser levado ao exagero ou à ilusão. Parecem mais singulares ainda porque a vizinhança é bem habitada e porque uma vigilância ativa e incessante foi exercida nas últimas três semanas.

“Pode imaginar-se o quanto as pessoas da casa sofrem com esse estado de coisas. Depois de terem tapado as janelas do lado do pátio, resolveram abandonar as peças onde se produziam os fatos que relatamos e agora estão, de certo modo, acampadas em dois ou três aposentos, esperando o fim de seus aborrecimentos.”

Pela crônica: *Th. Denis*

Como se vê, esses fatos têm certa analogia com os de Poitiers, do Boulevard Chave, em Marselha, das ruas des Grès e Noyers, em Paris, de Hoerd, perto de Estrasburgo, e de uma

porção de outras localidades. Em toda parte surpreenderam a mais ativa vigilância e burlaram as investigações da polícia. Graças à sua multiplicação, terminarão por abrir os olhos. Se só se produzissem num único lugar, seríamos levados a atribuí-los a uma causa local; mas, quando se sucedem em pontos tão afastados e em diferentes épocas, forçoso é reconhecer que a causa está no mundo invisível, já que não a encontramos no nosso. Em presença de fatos tão multiplicados e, por conseguinte, com testemunhas tão numerosas, a negação é quase impossível, de modo que vemos as notícias se limitarem, geralmente, a meros relatos.

Os Espíritos anunciaram que manifestações de toda natureza iam produzir-se em todos os pontos. Com efeito, se examinarmos o que se passa desde algum tempo, veremos que são fecundos em recursos que atestam sua presença. Os incrédulos pedem fatos; os Espíritos lhes fornecem a todo instante, com um valor tanto maior quanto não são provocados e se produzem sem o concurso da mediunidade ordinária e, na maior parte do tempo, entre pessoas estranhas ao Espiritismo. Parece que os Espíritos lhes dizem: Acusais os médiuns de conivência, de prestidigitação, de alucinações; nós vos damos fatos que não são suspeitos. Se depois disto ainda não credes, é que quereis fechar os olhos e os ouvidos.

As manifestações de Fives, ademais, nos são atestadas pelo Sr. Mallet, de Douai, oficial superior e homem de ciência, que se informou de sua realidade nos próprios locais e junto a pessoas interessadas. Podemos, pois, garantir a sua perfeita exatidão.

Problema Psicológico

DOIS IRMÃOS IDIOTAS

Numa família de operários de Paris encontram-se duas crianças acometidas de idiotia. Até a idade de 5 ou 6 anos desfrutavam de todas as suas faculdades intelectuais, relativamente

bem desenvolvidas. A menos que seja provocada por uma causa acidental, a idiotia nas crianças resulta quase sempre de uma parada no desenvolvimento dos órgãos, manifestando-se, por conseguinte, desde o nascimento. Além disso, o que é de notar aqui é o fato de duas crianças atingidas pela mesma enfermidade em condições idênticas.

Podendo esse duplo fenômeno ser objeto de estudo interessante, do ponto de vista psicológico, o Sr. Desliens, um dos membros da Sociedade de Paris, foi introduzido na família por um amigo, a fim de poder dar contas à Sociedade. Eis o resultado de suas observações:

Disse ele: “Quando o pai soube do objetivo de minha visita passou a um gabinete, de onde voltou trazendo nos braços um ser que, por suas feições, mais se parecia a um animal do que a um foco de inteligência. Trouxe igualmente um segundo no mesmo estado de embrutecimento, mas com aparências físicas mais humanas. Nenhum som inteligível escapava da boca desses infelizes; gritinhos agudos, grunhidos roucos são suas únicas manifestações ruidosas. Quase sempre um riso bestial lhes anima a fisionomia. O mais velho chama-se Alfred, e o segundo, Paulin.

Alfred, atualmente com dezessete anos, nasceu com toda a sua inteligência, que se manifestou mesmo com certa precocidade. Aos três anos falava convenientemente e compreendia os menores sinais. Teve então uma ligeira doença, depois da qual perdeu o uso da palavra e as faculdades mentais. Os tratamentos médicos apenas levaram ao esgotamento das forças vitais, hoje traduzido por um raquitismo absoluto.

“Este ser, que de um homem nem mesmo guarda a aparência, tem, contudo, sentimento; ama a seus pais e a seu irmão, e sabe manifestar simpatia ou repulsão por aqueles que o cercam. Compreende tudo quanto lhe dizem; olha com olhos brilhantes e

inteligentes; procura incessantemente, mas sem resultado, responder quando lhe falam de coisas que o interessam. Tem um medo invencível da morte e não pode ver um carro fúnebre sem procurar esconder-se. Certo dia, tendo sua tia lhe dito, por brincadeira, que o envenenaria se ele continuasse a ser mau, compreendeu tão bem que durante mais de um ano se negou a receber qualquer alimento de sua mão, embora tenha um apetite extraordinário.

“Do ponto de vista corporal, Paulin, de 15 anos, tem uma aparência mais humana. Traz no rosto embrutecido a marca de um idiotismo absoluto. Contudo ama, limitando-se a isto suas manifestações exteriores. Também nasceu com toda a razão, que conservou integral até os seis anos. Gostava muito do irmão. A essa idade adoeceu e passou pelas mesmas fases do mais velho. Ultimamente foi acometido por uma doença de largo curso, depois da qual parece compreender melhor o que lhe dizem. O cura e os padres da paróquia fizeram a família saber que havia possessão do demônio e que era preciso exorcizar os meninos. Os pais hesitaram. Contudo, fatigados com a insistência daqueles senhores, e temendo perder o auxílio que recebiam por causa dos filhos, concordaram. Mas, então, aqueles senhores sustentaram que, de fato, teria havido possessão numa época anterior, mas que hoje já não se tratava disto e que nada mais havia a fazer. É preciso dizer, em louvor aos pais, que sua ternura por essas infortunadas criaturas jamais foi desmentida e que elas têm sido constantemente objeto dos mais afetuosos cuidados.”

Os senhores eclesiásticos renunciaram sabiamente ao exorcismo, que só teria levado a um fracasso. As crianças não apresentam nenhum dos caracteres da obsessão, no sentido do Espiritismo, e tudo prova que a causa do mal é puramente patológica. Em ambos a idiotia se produziu em conseqüência de uma doença que, indubitavelmente, ocasionou a atrofia dos órgãos da manifestação do pensamento. Mas é fácil ver, por trás desse véu,

que existe um pensamento ativo, que encontra um obstáculo invencível à sua livre emissão. A inteligência dessas crianças, durante os primeiros anos, nelas prova Espíritos adiantados, que mais tarde se acharam contidos em laços muito apertados para que pudessem manifestar-se. Num envoltório em condições normais teriam sido homens inteligentes; e quando a morte os tiver libertado de seus entraves, recobrarão o livre uso de suas faculdades.

“Esse constrangimento imposto ao Espírito deve ter uma causa moral, providencial e essa causa deve ser justa, já que Deus é a fonte de toda justiça. Ora, como esses meninos nada fizeram nesta existência que pudesse merecer um castigo qualquer, é preciso admitir que pagam a dívida de uma existência anterior, a menos que se negue a justiça de Deus. Eles nos oferecem uma prova da necessidade da reencarnação, essa chave que resolve tantos problemas e que, diariamente, projeta luz sobre tantas questões ainda obscuras. (Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. V, nº 6: Causas anteriores das aflições terrenas).²³

A respeito do assunto, foi dada a seguinte comunicação na Sociedade de Paris, no dia 7 de julho de 1865. (Médium: Sr. Desliens).

“A perda da inteligência nos dois idiotas a que nos referimos é, certamente, explicável do ponto de vista científico. Cada um deles teve uma curta doença; pode-se, pois, concluir com razão que os órgãos cerebrais foram afetados. Mas por que esse acidente ocorreu após a manifestação evidente de todas as suas faculdades, contrariamente ao que, em geral, se passa na idiotia? Repito: toda perturbação da inteligência ou das funções orgânicas pode ser explicada fisiologicamente, seja qual for a causa primeira, considerando-se que o Criador estabeleceu leis para as relações entre a inteligência e os órgãos de transmissão, leis que não podem

²³ **N. do T.:** No original, por engano, consta o nº 66, em vez do 6. (Em *O Evangelho segundo o Espiritismo* consta apenas o subtítulo: “Causas anteriores das aflições”.)

ser interrogadas. A perturbação dessas relações é uma consequência mesma dessas leis, e pode ferir o culpado por suas faltas anteriores: aí está a expiação.

“Por que esses dois seres foram feridos juntos? Porque participaram da mesma vida; como estavam ligados durante a provação, devem estar reunidos na vida de expiação.

“Por que sua inteligência a princípio se manifestou, ao contrário do que geralmente acontece em casos semelhantes? Do ponto de vista da intenção providencial, é uma das mil nuances da expiação, que tem sua razão de ser para o indivíduo, mas cujo motivo muitas vezes seria difícil de sondar, por isso mesmo que é individual. É preciso aí ver, também, um desses fatos que diariamente vêm confirmar, pela observação atenta, as bases da Doutrina Espírita, e sancionar, pela evidência, os princípios da reencarnação.

“Não vos esqueçais, também, de que os pais têm sua parte no que aqui se passa. Sua ternura para com esses seres, que não lhes oferecem nenhuma compensação, é uma grande prova. Devem ser felicitados por não haverem falido, porque essa compensação que não encontram no mundo, encontrá-la-ão mais tarde. Dizei a vós mesmos que os cuidados e a afeição que prodigalizam a esses dois pobres seres bem poderiam ser uma reparação em relação a eles, reparação que o estado de necessidade da família torna ainda mais meritório.”

Moki

Variedades

EPITÁFIO DE BENJAMIM FRANKLIN

Um de nossos assinantes de Joinville (Haute-Marne) escreve-nos o seguinte:

“Sabendo da boa acolhida que é reservada a todos os documentos que têm alguma relação com a Doutrina Espírita, apresso-me em vos dar conhecimento de uma passagem da biografia de Franklin, extraída da *Mosaïque* de 1839, página 287. Ela prova mais uma vez que, em todas as épocas, homens superiores tiveram a intuição das verdades espíritas. A crença desse grande homem na reencarnação e na progressão da alma se revela toda inteira nalgumas linhas seguintes, formando o epitáfio que ele compôs para si mesmo. Está assim concebido:

“Aqui repousa, entregue aos vermes, o corpo de Benjamim Franklin, impressor, como a capa de um velho livro cujas folhas foram arrancadas, e cujo título e douração se apagaram. Mas nem por isto a obra ficará perdida, pois, como acredito, reaparecerá em nova e melhor edição, revista e corrigida pelo autor.”

Um dos principais cidadãos de que mais se honram os Estados Unidos, era, pois, reencarnacionista. Não só acreditava em seu renascimento na Terra, como julgava aqui voltar melhorado por seu trabalho pessoal. É exatamente o que diz o Espiritismo. Se se recolhessem todos os testemunhos esparsos em milhares de escritos em favor desta doutrina, reconhecer-se-ia quanto ela teve raízes entre os pensadores de todas as épocas, e menos admiradas ficariam as pessoas da facilidade com que é hoje acolhida, porque se pode dizer que jaz latente na consciência do maior número. Esses pensamentos, semeados aqui e ali, eram fagulhas precursoras do fogo que devia brilhar mais tarde e mostrar aos homens o seu destino.

Notas Bibliográficas

O MANUAL DE XÉFOLIUS

Este livro é uma nova prova da fermentação das idéias espíritas, muito tempo antes que se cogitasse dos Espíritos. Mas

aqui já não se trata de alguns pensamentos esparsos, mas de uma série de instruções que se diriam calcadas sobre a doutrina atual ou, pelo menos, hauridas na mesma fonte. Essa obra, atribuída a Félix de Wimpfen, guilhotinado em 1793, parece ter sido publicada por volta de 1788. A princípio só foram impressos sessenta exemplares para alguns amigos, conforme aviso colocado no início e, por conseguinte, era excessivamente raro. Eis o texto do prefácio, que traz a data de 1788 e cuja forma, bastante ambígua, bem poderia ser uma maneira de dissimular a personalidade do autor.

“Se eu dissesse de que maneira me caiu nas mãos a obra que hoje entrego ao público, o extraordinário que encerra essa história não satisfaria mais o leitor do que pode inquietá-lo o meu silêncio e eu nada acrescentaria ao preço inestimável do presente que lhe faço. Surpresa e preocupada por esta singularidade, li com uma espécie de desconfiança; mas logo as conjecturas foram abafadas pela admiração. Encontrei o que nenhum filósofo jamais nos havia oferecido, um sistema completo. Senti meu espírito apoiar-se, fixar-se sobre uma base que lhe era em tudo correspondente; senti minha alma elevar-se e crescer; senti meu coração abrasar-se de um novo amor por meus semelhantes; minha imaginação foi ferida por um respeito mais profundo pelo autor de todas as coisas. Vi o porquê de tantos assuntos de murmúrios contra a sabedoria eterna. Encontrando-me melhor e mais feliz, pensei que não era por acaso que eu tinha sido escolhida, e que a Providência me havia determinado para ser o instrumento da publicação desse manual, apropriado a todos os cultos, que ele respeita, a todas as idades, que ele instrui, a todos os estados, que ele consola, do monarca ao mendigo. O sentimento e a razão me levaram a partilhar com meus irmãos as encorajadoras esperanças, as pacíficas resignações, os impulsos para a perfeição, de que me acho penetrada. Fortificada por uma felicidade que até então me era desconhecida, enfrento sem medo o ridículo a que me irão expor os espíritos fortes pela fraqueza e, de antemão, lhes perdôo os pesares com que talvez queiram pagar a felicidade à qual convido o leitor e que, mais cedo ou mais tarde, será sua partilha.”

Um de nossos colegas da Sociedade Espírita de Paris, que mora em Gray, na Haute-Saône, há pouco tempo encontrou esta obra sobre sua mesa; jamais ficou sabendo como e por quem foi trazida, já que não conhece ninguém que o possa ter feito, nem compreendeu o motivo para que alguém se ocultasse. Entre as pessoas que ele frequenta, nenhuma fez alusão a isto em conversa, nem pareceu ter conhecimento do livro, quando dele falou. Tocado pessoalmente pelas idéias que a obra encerra, ele no-lo comunicou em sua última viagem a Paris. Tendo sido publicada uma edição mais recente pela Livraria Hachette²⁴, apressamo-nos em adquiri-lo. Seu título, que infelizmente nada diz, deve ter contribuído para o deixar ignorado pelo público. Cremos que os espíritas nos serão gratos de tirá-lo do esquecimento, chamando a sua atenção. Nada melhor podemos fazer do que citar algumas de suas passagens:

“Partimos todos do mesmo ponto para chegar à mesma circunferência por raios diferentes; e é da diversidade *dos tipos que temos usado* que provém a diversidade das inclinações dos homens para o seu primeiro protótipo. Quanto às inclinações dos que já usaram vários, elas têm tantas causas diferentes e tantos matizes que, se as quiséssemos indicar, nós nos perderíamos no infinito. Contentar-me-ei, pois, em dizer que, enquanto girarmos apenas no círculo das vaidades, sempre nos assemelharemos; mas aquele que entrou em suas leis não poderá conceber como pôde cometer certas ações tão pouco semelhantes e tão contrárias ao que é atualmente.” (pág. 87).

“O homem não passa de um protótipo disforme ou débil senão quando abusou criminosamente da força e da beleza daquele que acaba de deixar, porque depois que fazemos a sua experiência, somos privados das vantagens de que abusamos, para nos afastarmos da felicidade e da salvação, e recebermos o que delas nos pode aproximar novamente. Se, pois, foi a beleza, *renasceremos feios, disformes*; se a saúde, fracos, doentios; se as

24 Um vol. In-12. Preço: 2 fr. 50; pelo correio: 2 fr. 80.

riquezas, pobres, desprezados; se as grandezas, escravos, humilhados; enfim, tais como o jogo das leis universais no-lo mostra, já na Terra, alguns exemplos constantes naqueles que, depois de haverem abusado dos bens passageiros ou de convenção, para ultrajar os seus irmãos, tornaram-se para estes objetos de desprezo e piedade.” (pág. 89).

“Quando julgamos das penas que merecem um crime, podemos variar na medida das punições. Mas todos concordamos que o crime deve ser punido. Estaremos igualmente de acordo para concordar que os castigos, que de um mau sujeito fariam um cidadão, seriam preferíveis à barbárie de o supliciar eternamente e inutilmente, para si e para os outros, e que não podendo a Onipotência ser ameaçada, ofendida, perturbada, não pode querer vingar-se; que, assim, tudo quanto experimentamos é apenas para *nos esclarecer e nos modificar*; mas o preço inestimável que liga o homem a objetos de toda sorte não o faz pensar menos que só precisa de um poder infinito para proporcionar o castigo ao delito do qual se tornou culpado contra si. E em sua louca paixão, imagina que Deus não deixará de vingar-se, como ele se vingaria, se fosse Deus, ao passo que outros procuram persuadir-se de que o Céu não toma nenhum conhecimento de seus crimes; mas é assim que deve raciocinar a maioria dos delinqüentes, cada um tomando por base os seus diversos interesses.” (pág. 134).

“Se não houvessem limitado o Universo ao nosso pequeno globo, a um Elíseo, a um Tártaro, todo cercado de velas, teriam sido mais justos para com Deus e para com os homens.

“Não sabes o que fazer desse tirano de Roma que, depois de inumeráveis crimes, morreu lamentando não haver cometido todos aqueles que ainda se encontram na lista. Não podendo fazê-lo passar aos Elíseos, inventas Fúrias, o Tártaro e o precipitas num abismo de penas eternas. Mas quando souberes que aquele tirano, assassinado na flor da idade, não cessou de viver; que passou pelas condições mais abjetas; *que foi punido pela lei de talião*;

que sofreu sozinho tudo quanto fez sofrerem os outros; quando souberes que, *instruído pela desgraça, esse grande mestre do homem*, modificado pelos sofrimentos, desenganado, esclarecido sobre tudo que o afastava do bom caminho; aquele coração no qual abundavam o erro e os vícios, e que vomitava os crimes *que as leis universais fizeram servir para a modificação e salvação de uma grande quantidade de nossos irmãos*; quando souberes, digo, que aquele mesmo coração é hoje asilo da verdade, das mais suaves e harmoniosas virtudes, quais serão teus sentimentos para com ele?” (pág. 131).

“Quando os homens imaginaram um Deus vingativo, fizeram-no à sua imagem. O homem se vinga, ou porque se julga lesado ou para provar que não se deve brincar com ele, isto é, que só se vinga por avareza e por medo, crendo só se vingar por um sentimento de justiça. Ora, cada um sabe a que excessos podem levar-nos nossas paixões discordantes. Mas o Eterno, inacessível aos nossos ataques, o Eterno, tão bom quanto justo, só exerce sua justiça na mesma medida da sua bondade. Tendo a sua bondade nos criado para um destino feliz, ele ordenou justamente a natureza das coisas de maneira: 1^o – que nenhum crime fique impune; 2^o – que, mais cedo ou mais tarde, a punição se torne *uma luz para o infrator* e para vários outros; 3^o – que não podemos alterar nem infringir nossas leis sem cair num mal proporcional à nossa infração e à luxação moral do grau atual de nossa modificação.” (pág. 132).

“Quanto mais avançares, mais encantos encontrarás na prece do amor, porque é pelo amor que seremos felizes e porque, sendo o amor o laço dos seres, teu bom gênio reagirá sobre ti. *Esse companheiro invisível é talvez o amigo que julgas ter perdido*, ou esse outro tu mesmo, que pensas existir apenas em teu desejo; um momento ainda e estarás com ele e com todos os que terás amado bem, ou que terias amado preferentemente, se os tivesses conhecido.” (pág. 265).

“Quando uma injustiça ou uma maldade despertar em ti o sentimento de indignação, antes de raciocinares sobre essa injustiça ou essa maldade, raciocina teu sentimento, a fim de que não se transmude em cólera. Diz a ti mesmo: é para suportar isto que necessito de sabedoria; *não seria uma velha dívida que pago?* Se me deixar perturbar, não tardarei a cair. Não estamos todos sob a mão do grande Obreiro e não sabe ele melhor que eu o instrumento de que deve servir-se? Que conselhos eu daria ao meu amigo se o visse na minha posição? Não lhe traria à memória a gradação dos seres? não lhe perguntaria se uma planta silvestre produz frutos tão bons quanto uma árvore enxertada? se gostaria de continuar tão atrasado quanto o perverso, a fim de poder assemelhar-se a ele? se o golpe que acaba de receber não cortou um elo que desconhecia ou que ele próprio não tinha força de romper? Não terminaria eu por fixar o seu olhar sobre esta felicidade eterna, preço do complemento de uma harmonia na qual só fazemos progressos à medida que nos esclarecemos e nos destacamos dos miseráveis interesses de onde nascem os choques contínuos e nos elevamos acima do finito?” (pág. 310).

Estas citações dizem bastante para dar a conhecer o espírito dessa obra e tornar supérfluo qualquer comentário. Tendo perguntado ao guia de um dos nossos médiuns, Sr. Desliens, quanto à possibilidade de evocar o Espírito do autor, ele respondeu: “Sim, certamente, e com muito mais facilidade, porque não é a sua primeira comunicação. Vários médiuns já foram dirigidos por ele em diversas circunstâncias. Mas deixo a ele mesmo o encargo de se explicar. Ei-lo.”

Depois de evocado e interrogado quanto às fontes onde teria haurido as idéias contidas em seu livro, o Espírito deu a seguinte comunicação (29 de junho de 1865):

“Considerando-se que lestes uma obra cujo mérito não é apenas meu, deveis saber que o bem da Humanidade e a instrução dos meus irmãos foram o objetivo de meus mais caros desejos.

Equivale a dizer que venho com prazer vos dar as informações que esperais de mim. Já compareci diversas vezes às sessões da Sociedade, não só como espectador, mas como instrutor; e não vos admireis do que avanço, quando vos disser, como já o sabeis, que os Espíritos tomam, em suas comunicações, o *nome-tipo* do grupo a que pertencem. Assim, tal Espírito que assina Santo Agostinho não será o Espírito Santo Agostinho, mas um ser da mesma ordem, chegado ao mesmo grau de perfeição. Isto posto, sabeis que fui, quando na vida do corpo, um desses *médiuns inconscientes que se revelam freqüentemente em vossa época*. Por que falei de chofre, e de maneira que parece prematura? É o que vos vou dizer:

“Para cada aquisição do homem, nas ciências físicas ou morais, diversas balizas, a princípio menosprezadas e repelidas para depois triunfarem, tiveram de ser plantadas a fim de insensivelmente preparar os Espíritos para os movimentos futuros. Toda idéia nova, fazendo, sem precedente, sua entrada no mundo que se costuma chamar sábio, quase não tem chance de êxito, em razão do espírito de partido e das oposições sistemáticas dos que o compõem. Entregar-se a novas idéias, cujo sabedoria entretanto reconhecem, é para eles uma humilhação, porque seria confessar sua fraqueza e provar a insanidade de seus sistemas particulares. Preferem negar por amor-próprio, por respeito humano, por ambição mesmo, até que a evidência os force a admitir que estão errados, sob pena de se verem cobertos do ridículo que tinham querido lançar sobre os novos instrumentos da Providência.

“Foi assim em todos os tempos; também foi com o Espiritismo. Não fiqueis, pois, admirados por encontrar em épocas anteriores ao grande movimento espiritualista, diversas manifestações isoladas, cuja concordância com as da hora presente prova, mais uma vez, a intervenção da Onipotência em todas as descobertas que a Humanidade erroneamente atribui a um gênio humano particular.

“Sem dúvida, cada um tem seu próprio gênio; mas, reduzido às próprias forças, que faria? Quando um homem, dotado de inteligência capaz de propagar novas instituições com alguma chance de sucesso, aparece na Terra ou alhures, é escolhido pela hierarquia dos seres invisíveis encarregados pela Providência de velar pela manifestação da nova invenção, a fim de receber a inspiração dessa nova descoberta e trazer, progressivamente, os incidentes que devem assegurar o seu êxito.

“Dizer-vos o que me levou a escrever esse livro, manifestação verdadeira de minha individualidade, ter-me-ia sido impossível no tempo de minha encarnação. Agora vejo claramente que fui instrumento, em parte passivo, do Espírito encarregado de me dirigir para o *ponto harmonioso*, sobre o qual eu me devia modelar para adquirir a soma das perfeições que me era dado alcançar na Terra.

“Há duas espécies de perfeições bem distintas uma da outra: as *relativas*, que são inspiradas pelo guia do momento, guia ainda muito longe de estar no topo da escada das perfectibilidades, mas apenas ultrapassando seus protegidos, em razão da compreensão de que são capazes; e a perfeição absoluta que, para mim, ainda não passa de uma aspiração velada, razão por que a ignoro e à qual se chega pela sucessão das perfeições relativas.

“Em cada mundo que percorre, a alma adquire novos sentidos morais, que lhe permitem conhecer coisas de que não fazia a mínima idéia. Dizer-vos o que fui? que posição ocupo na escala dos seres? Para quê? Que utilidade teria para mim um pouco de glória terrestre?... Prefiro conservar a doce lembrança de ter sido útil aos semelhantes na medida de minhas forças e continuar aqui a tarefa que Deus, em sua bondade, me havia imposto na Terra.

“Instruí-me instruindo os outros. Aqui faço o mesmo. Apenas vos direi que faço parte dessa categoria de Espíritos que designais pelo nome genérico de São Luís.”

P. – Poderíeis dizer-nos: 1^o – se, em vossa última encarnação éreis a pessoa designada no prefácio da reedição de vossa obra, sob o nome de Félix de Wimpfen? 2^o – se fazíeis parte da seita dos teósofos, cujas opiniões se aproximavam muito das nossas; 3^o – se deveis reencarnar em breve e fazer parte da falange de Espíritos destinada a acabar o grande movimento a que assistimos. O Sr. Allan Kardec tem a intenção de dar a conhecer o vosso livro e ficaria satisfeito se tivesse a vossa opinião a respeito.

Resp. – Não; não fui Félix de Wimpfen, crede-me. Se o tivesse sido não hesitaria em vo-lo dizer. Ele foi meu amigo, bem como diversos outros filósofos do século dezoito; também partilhei de seu fim cruel. Mas, repito, meu nome ficará desconhecido e me parece inútil dá-lo a conhecer.

Certamente fui um teósofo, sem partilhar do entusiasmo que distinguiu alguns dos partidários daquela escola.

Tive relações com os principais dentre eles e, como pudestes ver, minhas idéias eram em tudo conformes às deles.

Estou inteiramente submetido aos decretos da Providência, e se lhe aprouver mandar-me de novo a esta Terra para continuar a me purificar e esclarecer, eu bendirei sua bondade. Aliás, é um desejo que formulei e cuja realização espero ver em breve.

Vindo o conhecimento de meu livro apoiar as idéias espíritas, só posso aprovar o nosso caro presidente por ter pensado nisto. Mas talvez ele não seja o primeiro instigador dessa diligência e, de minha parte, estou certo de que alguns Espíritos de meu conhecimento contribuíram para pô-lo entre suas mãos e para lhe inspirar as intenções que tomou a esse respeito.

Quando me evocardes especialmente eu me farei reconhecer; mas se vier vos instruir como no passado, não reconheceréis em mim senão um dos Espíritos da ordem de *São Luís*.

Dissertações Espíritas

A CHAVE DO CÉU

(Sociedade de Montreuil-sur-Mer, 5 de janeiro de 1865)

Quando se considera que tudo vem de Deus e a ele retorna, é impossível não perceber, na generalidade das criações divinas, o laço que as une entre si e as submete a um trabalho de avanço comum e, ao mesmo tempo, a um trabalho de progresso particular. Também não se pode desconhecer que a lei de solidariedade, daí resultante, não nos obriga a sacrifícios gratuitos de toda sorte, uns para com os outros. Aliás, é de notar que Deus nos mostrou em tudo uma primeira aplicação, por ele mesmo, dos princípios primordiais que estabeleceu. Assim, pela solidariedade, encontra-se esse princípio expresso na sensibilidade de que fomos dotados, sensibilidade que nos leva a compartilhar dos males alheios, lhes ter compaixão e a os aliviar.

Isto não é tudo. Os profetas e o divino Messias Jesus nos deram o exemplo de uma segunda aplicação do princípio de solidariedade, ao consagrarem o amor do homem pelo homem, inicialmente por meio de cerimônias simbólicas, depois pela autoridade de seu ensino, para em seguida proclamarem como um dever necessário e rigoroso a prática da caridade, que é a expressão da solidariedade. A caridade é o ato de nossa submissão à lei de Deus; é o sinal de nossa grandeza moral; é a chave do céu. Assim, é da caridade que vos quero falar. Considerá-la-ei apenas sob um único lado: o lado material; e a razão disto é simples: é o lado que menos agrada ao homem.

Nem os cristãos, nem os espíritas, ninguém negou o princípio, ou, melhor, a lei da solidariedade; mas procuraram esquivar-se de suas conseqüências, e para isto invocaram mil pretextos. Citarei alguns deles.

As coisas do coração ou do espírito, dizem, têm um preço infinitamente superior ao das coisas materiais; por conseguinte, consolar aflições por palavras boas ou conselhos sábios vale infinitamente mais que consolar por socorros materiais. Seguramente, senhores, tendes razão se a aflição de que falais tem uma causa moral, se encontra sua razão numa ferida do coração; mas se for a fome, o frio, a doença, numa palavra, se causas materiais as provocaram, bastarão vossas doces palavras para acalmá-las? vossos bons conselhos, vossas sábias opiniões para curá-las? Permitireis que eu duvide. Se Deus, colocando-vos na Terra, tivesse esquecido de prover o alimento para o vosso corpo, teríeis encontrado o seu equivalente nos socorros espirituais que ele vos concede? Mas Deus não é o homem, é a sabedoria eterna e a bondade infinita. Ele vos impôs um corpo de lama, mas proveu às necessidades desse corpo fertilizando os vossos campos e fecundando os tesouros da terra; aos socorros espirituais que se dirigem à vossa alma, juntou os socorros materiais reclamados por vosso corpo. Desde então, e porque o egoísmo talvez tenha despojado o pobre de sua parte na herança terrena, com que direito vos julgais quites para com ele? Porque a justiça humana o excluiu do número dos usufrutuários dos bens temporais, vossa caridade não encontraria uma justiça mais equitativa a lhe fazer?

Um ilustre pensador deste século não temia assim exprimir-se em sua memorável profissão de fé: “Cada abelha tem direito à porção de mel necessária à sua subsistência; e se entre os homens a alguns falta o necessário, é que a justiça e a caridade desapareceram do meio deles.” Por mais excessiva que vos possa parecer esta linguagem, não contém menos uma grande verdade, verdade talvez inacessível à compreensão de muitos de vós, mas evidente para nós, Espíritos que, mais tocados pelos efeitos, porque os abraçamos em seu conjunto, vemos as causas que os produzem.

Ah! diz este, ninguém mais que eu lamenta as penas e as privações cruéis do verdadeiro pobre, do pobre cujo trabalho, insuficiente para a manutenção da família, não lhe traz, em troca

das fadigas, nem a alegria de alimentar os seus, nem a esperança de os tornar felizes; mas eu consideraria um caso de consciência estimular, por cegas liberalidades, a preguiça ou o mau procedimento. Aliás, considero a caridade como indispensável à salvação do homem; apenas a impossibilidade de descobrir as necessidades reais em meio a tantas necessidades simuladas, parece justificar a minha abstenção.

A impossibilidade de descobrir as necessidades reais, tal é, meu amigo, a vossa justificação. E, contudo, esta justificação jamais seria sancionada por vossa consciência e não quero outra prova senão a vossa confissão; porque, do direito que teria o verdadeiro pobre à vossa esmola – e lhe reconheceis esse direito – desse direito, digo eu, decorre para vós o dever de o procurar. Procurai-o? A impossibilidade vos detém. Como, então! a caridade não tem limites, é infinita como Deus, do qual emana, e não admite nenhuma impossibilidade! Sim, algo vos detém: é o egoísmo, e Deus, que sonda os corações e os bolsos, Deus o descobrirá facilmente sob os falaciosos pretextos com que o velais. Podeis enganar o mundo, conseguireis enganar momentaneamente a vossa consciência, mas jamais enganareis a Deus. Em cem anos, em mil anos, aparecereis novamente na Terra; sem dúvida aí vivereis, despojados de vossa opulência presente e curvados sob o peso da indigência. Pois bem! eu vos declaro: receberéis do rico o desprezo e a indiferença que, vós mesmos ricos, outrora tereis mostrado pelo pobre. Diz-se que a nobreza obriga; a solidariedade obriga ainda mais. Quem se subtrai a esta lei perde todos os seus benefícios. Eis por que vós, que tereis guardado o fundo egoísta de vossa natureza, sofrereis, por vossa vez, o desprezo do egoísmo.

Escutai esta tirada de Rousseau:

Diz ele: “Para mim sei que todos os pobres são meus irmãos e que não posso, sem uma injustificável dureza, lhes recusar o fraco socorro que me pedem. Na maior parte são vagabundos, concordo; mas conheço demais as penas da vida para ignorar por

quantas desgraças o homem honesto pode encontrar-se reduzido em sua sorte. E como poderia eu estar seguro de que o desconhecido que me vem implorar assistência em nome de Deus, talvez não seja esse homem honesto, prestes a perecer de miséria, e que minha recusa vai reduzir ao desespero? Quando a esmola que se lhe dá não fosse para eles um socorro real, seria ao menos um testemunho de que se é solidário com as suas penas, um abrandamento à dureza da recusa, uma espécie de saudação que se lhes faz.”

É um filho de Genebra, senhores, que fala da sorte; é um filósofo dessedentado nas fontes secas do século dezoito que teme ignorar o homem honesto dentre os desconhecidos que estendem a mão e que dá a todos. Ele dá a todos porque todos são seus irmãos: ele o sabe! Sabeis menos que ele, senhores? Não ousou acreditar.

Mas em que medida deveis dar, ou, antes, qual é nos vossos bens a parte que vos pertence e a parte que pertence aos pobres? Vossa parte, senhores, é o necessário, nada mais que o necessário, e não a deveis exagerar. Em vão vos prevalecereis de vossa posição, dos encargos dela decorrentes, das obrigações de luxo que ela exige; tudo isto diz respeito ao mundo, e se quereis viver para o mundo não avançareis senão com o mundo, não ireis mais depressa que o mundo. Em vão ainda alegareis, para justificar vossos hábitos de indolência, um trabalho ao qual não se entrega o pobre, e que, praticado em vossa casa e por vós, vos torna beneficiários de maior bem-estar. Em vão alegareis isto, porque todo homem é consagrado ao trabalho, ou por ele, ou pelos outros, porque a incúria de seu vizinho não o absolveria do abandono em que o teriam deixado.

Do vosso patrimônio, como do vosso trabalho, só uma coisa vos é permitido tirar em vosso proveito: o necessário; o resto cabe aos pobres. Eis a lei. Não nego que esta lei comporte temperamentos, em certos casos e em dadas circunstâncias; mas

diante da luz, diante da verdade, diante da justiça divina, ela não comporta mais.

E a família, que será dela? Estamos quites com ela desde que socorremos os chamados pobres? Não, evidentemente, senhores, porquanto, desde que reconheceis a necessidade de vos despojar pelos pobres, trata-se de fazer uma escolha e estabelecer uma hierarquia. Ora, vossas mulheres e vossos filhos são os vossos primeiros pobres; a eles, pois, deveis dar a vossa primeira esmola. Velai pelo futuro de vossos filhos; preocupai-vos em lhes preparar dias calmos e tranqüilos em meio a esse vale de lágrimas; deixai-lhes mesmo em depósito uma pequena herança, que lhes permita continuarem o bem que haveis começado: isto é legítimo. Mas jamais lhes ensineis a viver egoisticamente e a olhar como deles o que é de todos. Antes e depois deles, os autores de vossos dias, os que vos alimentaram e guardaram, os que protegeram vossos primeiros passos e guiaram vossa adolescência – vosso pai e vossa mãe – têm direito à vossa solicitude. Depois vêm as almas que Deus vos deu como irmãos segundo a carne; depois os amigos do coração; depois todos os pobres, a começar pelos mais miseráveis.

Como vedes, eu vos concedo temperamentos e estabeleço uma hierarquia conforme aos instintos do vosso coração. Entretanto, tomai cuidado para não favorecer demasiadamente a uns com exclusão dos outros. É pela partilha eqüitativa de vossos benefícios que mostrareis a vossa sabedoria, e é ainda por essa partilha que cumprireis a lei de Deus em relação aos vossos irmãos, que é a lei de solidariedade.

“A justiça, diz Lamennais, é a vida; a caridade também é a vida, mas uma vida mais bela e mais doce.”

Sim, a caridade é uma bela e doce vida, é a vida dos santos, é a *chave do céu*.

Lacordaire

A FÉ

(Grupo Espírita de Douai, 7 de junho de 1865)

A fé paira sobre a Terra, buscando um refúgio onde se abrigar e um coração para esclarecer! Aonde irá?... A princípio entrará na alma do homem primitivo e impor-se-á; colocará um véu momentâneo sobre a razão que começa a desenvolver-se e cambaleia nas trevas do Espírito. Conduzi-lo-á através das idades de simplicidade e se fará senhora pelas revelações. Mas, não estando ainda o raciocínio bastante maduro para discernir o que é justo do que é falso, para julgar o que vem de Deus, ela arrastará o homem fora do reto caminho, tomando-o pela mão e pondo-lhe uma venda nos olhos. Muitos desvios: tal deve ser a divisa da fé cega que, entretanto, durante muito tempo teve a sua utilidade e a sua razão de ser.

Esta virtude desaparece quando a alma, pressentindo que pode ver pelos próprios olhos, a afasta e não mais quer marchar senão com a razão. Esta a ajuda a se desfazer das crenças falsas, que havia adotado sem exame. Nisto ela é boa; mas o homem, encontrando em seu caminho muitos mistérios e verdades obscuras, quer desvendá-los e se extravia. Seu julgamento não pode acompanhá-la; quer ir muito depressa, mas em tudo a progressão deve ser insensível. Assim, não tem mais a fé que repeliu; não tem mais a razão que quis ultrapassar. Então faz como a borboleta temerária, queimando as asas na luz e se perdendo em desvios impossíveis. Daí saiu a má filosofia que, buscando muito, fez tudo desmoronar e nada substituiu.

Estava aí o momento da transformação; o homem não era mais o crente cego e ainda não era o crente raciocinando a crença: era a crise universal tão bem representada pelo estado da crisálida.

Graças à procura durante a noite, a claridade jorra, e muitas almas transviadas, encontrando apenas a luz obscurecida por tantos desvios inúteis e retomando como guias seus condutores eternos – a fé e a razão – fazem-nos marchar à sua frente, a fim de que, reunidos, seus dois clarões os impeçam de se perderem uma segunda vez. Elas fazem assentar a fé sobre as bases sólidas da razão, ela própria ajudada pela inspiração.

É vossa época, meus amigos; segui o caminho, Deus está no fim.

Demeure

Aviso

Como nos anos anteriores, as sessões da Sociedade Espírita de Paris serão suspensas no período de 1^o de agosto a 1^o de outubro.

Allan Kardec